

"RAEWYN CONNELL SE ESTABELECEU ENTRE OS MELHORES PENSADORES DOS ESTUDOS DE GÊNERO. SEU TRABALHO SOBRE MASCULINIDADES TEM ESTADO NO CENTRO DO DEBATE ACADÊMICO E DO DEBATE PÚBLICO DAS ÚLTIMAS DUAS DÉCADAS. A COMBINAÇÃO FEITA POR CONNELL ENTRE PESQUISA EMPÍRICA E TEORIA, ASSIM COMO SUA POSIÇÃO PRIVILEGIADA NA OBSERVAÇÃO DE QUESTÕES GLOBAIS, É ÚNICA ENTRE ACADÊMICOS."

**STEVEN SEIDMAN**  
PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DE NOVA YORK EM ALBANY, EUA

"[CONNELL É] UMA DAS MAIS CONHECIDAS E CONCEITUADAS SOCIÓLOGAS DO GÊNERO DA ATUALIDADE."

**ANA MARIA BRANDÃO**  
PROFESSORA DO DEPARTAMENTO  
DE SOCIOLOGIA DO INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE  
DO MINHO, PORTUGAL

"A OBRA DE CONNELL TEM SIDO MARCADA PELO ESFORÇO DE SÍNTESE E DE ESCREVER COM CLAREZA E VITALIDADE SEM PERDER A COMPLEXIDADE DAS IDEIAS, O QUE PERMITE AO LEITOR E À LEITORA UMA COMPREENSÃO SEM SIMPLIFICAÇÕES."

**MARÍLIA PINTO DE CARVALHO**  
PROFESSORA LIVRE-DOCENTE DA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

# GÊNERO

## EM TERMOS REAIS

**RAEWYN CONNELL**

*Rodale Fellini Fallinetta*  
*Porto Alegre, 2016.*

Tradução  
Marília Moschkovich

*nVersos*

No entanto, a maioria das trajetórias de carreira em nossos estudos de caso não passa pela sala de negociações. A maioria das operações de finanças em massa são ordenadas e controladas, e boa parte do trabalho administrativo é dedicado à mantê-las assim. Algo notável sobre os nossos executivos é o grau de abstração de suas operações. Nenhuma parte do sistema capitalista é mais remota do ruído das linhas de montagem, da poeira das minas ou do ranço das redes de *fast food*. A torre de vidro é calma, tem ar condicionado e não tem sindicatos. No entanto, as operações financeiras ali conduzidas estão por trás de todas as linhas de montagem, minas e restaurantes de *fast food* da economia.

Nas corporações financeiras, portanto, as relações de poder social que passam por uma economia capitalista são ao mesmo tempo concentradas e ocultas. É bem possível a qualquer pessoa nesse tipo de ambiente não pensar jamais sobre poder social e enxergar os “projetos” ou tarefas rotineiras simplesmente como problemas técnicos distintos que devem ser solucionados da maneira mais eficiente possível. O lugar estrutural do capital financeiro não pede uma masculinidade combativa. No entanto, o capital financeiro não permite livre experimentação com formas sociais e relacionamentos pessoais, já que, em suas operações abstratas, as limitações de performance ainda são muito grandes.

Dessa maneira, podemos começar a entender a modernização patriarcal na masculinidade hegemônica desse meio. O fato de que a variação desse padrão toma a forma de uma penumbra em vez de masculinidades alternativas bem definidas, pode ter a ver com a natureza do capital financeiro. Sua abstração dos processos de produção tende a separá-lo dos locais de trabalho e das culturas de trabalho, assim como dos subúrbios complexos etnicamente, que geram muito da diversidade das masculinidades na Austrália contemporânea.

## 6:

## CRESCER COMO MASCULINO

Nos debates públicos sobre a masculinidade, algumas das questões mais proeminentes dizem respeito à juventude. Violência entre gangues, abandono da escola, suicídio juvenil, mortes no trânsito, paternidade na adolescência, tudo isso desperta o interesse da mídia de massas e, algumas vezes, reações de governos. Livros sobre como criar meninos estão entre os mais populares na seção de psicologia pop.

A maior parte desses discursos é baseada em perspectivas muito estereotipadas tanto da masculinidade quanto da adolescência. Na perspectiva convencional, meninos e meninas são naturalmente diferentes em sua psicologia, e a adolescência é a época em que a masculinidade interior dos meninos vem à luz. “Manobras arriscadas” impulsionadas pela testosterona se tornam frequentes – por isso essas estatísticas de acidentes no trânsito. Os desejos sexuais masculinos encontram expressão em uma atração natural pelas meninas e nas aventuras sexuais. A energia masculina encontra sua expressão no futebol, nas lutas e nos problemas na escola.

Como o Capítulo 4 mostrou, agora temos pesquisas consideráveis que questionam perspectivas essencialistas e estereotipadas da masculinidade. Parte dessas pesquisas contempla

a juventude. Neste capítulo, reunirei resultados encontrados em pesquisas desse tipo com a intenção de repensar questões envolvendo adolescência e masculinidade.

## ADOLESCÊNCIA

O conceito de “adolescência” foi introduzido às ciências sociais do Norte há cem anos por G. Stanley Hall (1904), que retratou a adolescência como uma etapa biologicamente determinada em um ciclo fixo de desenvolvimento humano. Mais ou menos na mesma época, Sigmund Freud tratou a adolescência como uma etapa específica do desenvolvimento psicosssexual. A psicanálise mais corrente, desde então, promoveu a ideia de que há uma sequência normativa no desenvolvimento (p. ex. Silverman, 1986).

Psicólogos influentes do meio do século XX se afastaram do determinismo biológico, porém não da ideia de etapas de um ciclo de vida. Para o psicanalista Erik Erikson (1950), a adolescência é uma etapa do crescimento em que problemas de “identidade” vêm à tona. O grande psicólogo cognitivo suíço Jean Piaget tratou a adolescência como uma etapa culminante do desenvolvimento intelectual, sendo o momento em que as “operações formais” predominam – transformando a capacidade da pessoa em crescimento de interagir com o mundo e entendê-lo (Inhelder e Piaget, 1958).

Muitos textos de psicologia pop tomaram emprestada essa ideia de sequências fixas de desenvolvimento. Para eles, a adolescência é uma etapa necessária na formação da masculinidade, logo, os meninos precisam ser “iniciados” por homens mais velhos para garantir a formação correta. Isso é um disparate – e é uma desculpa esfarrapada para desprezar mulheres e promover masculinidades fortemente

convencionais. Mas é claro que o crescimento acontece durante a adolescência e os homens jovens têm encontros específicos com a ordem social.

Meninos e meninas em fase de crescimento são criadores ativos de suas próprias vidas – tanto individualmente quanto, como argumenta Paul Willis (1990), coletivamente. Eles não estão somente envolvidos passivamente no aprendizado de papéis e de sua “socialização”. Ao mesmo tempo, suas atividades são, de fato, práticas sociais. As atividades dos jovens tiram seus significados de um arcabouço social (linguagem, recursos materiais, estrutura social, instituições), e podem ser seriamente restringidas por ele. Isso é ilustrado de forma brilhante pelo livro *Becoming Somebody* (1992) (Tornando-se alguém), de Philip Wexler, uma finíssima (porém, hoje meio esquecida) etnografia da juventude no ensino médio dos Estados Unidos. O estudo de Wexler mostra o desgaste violento de si<sup>29</sup> que pode ocorrer, principalmente entre jovens vivendo na pobreza, sob as pressões de uma instituição autoritária.

Uma das circunstâncias mais importantes da vida dos jovens é a ordem de gênero em que vivem. As masculinidades são construídas ao longo do tempo, a partir de encontros dos jovens com um sistema de relações de gênero. Sabemos que as ordens de gênero diferem entre sociedades e entre grupos sociais, e que mudam ao longo do tempo. Inevitavelmente, haverá muita diversidade nas experiências dos jovens e das masculinidades que eles forjam.

Como as masculinidades são configurações de práticas associadas com a posição social dos homens, as histórias de vida dos meninos são o principal lugar social da construção da masculinidade. No entanto, também é possível a meninas e mulheres se

29 No original: “violent abrasion of the self”.

envolverem em práticas socialmente definidas como masculinas, como demonstrou o relato comovente de Amanda Swarr (2012) sobre masculinidades lésbicas na África do Sul. E certamente é possível aos meninos se envolverem em práticas e adquirir características socialmente definidas como femininas. Podemos esperar isso, quando há uma relação de proximidade entre meninos e suas mães durante seu crescimento. Um estudo excelente feito por Frosh, Phoenix e Pattman (2002) descobriu que os meninos adolescentes em Londres relatavam proximidade emocional com suas mães com mais frequência do que com seus pais. Isso é consistente com as pesquisas na Austrália entre os anos 1950 e 1960 em que as mães apareciam mais do que os pais como as pessoas mais influentes nas vidas de adolescentes, para meninos e meninas (W.F. Connell et al., 1957, 1975). As possíveis complexidades de gênero frequentemente se tornam reais, como vemos nas histórias de vida de adolescentes marginalizados na Austrália, entrevistados por Wayne Martino e Maria Pallotta-Chiarolli (2003).

As vidas e as emoções de meninos adolescentes, portanto, coincidem com as de meninas adolescentes. Mas quando a ideologia de gênero de uma sociedade insiste na diferença absoluta entre masculinidade e feminilidade, cria-se um dilema de desenvolvimento. Uma solução comum para isso – embora não seja a única – é exagerar a performance da masculinidade como um jeito de “fazer a diferença” [*doing difference*]<sup>30</sup>.

30 O verbo “to do”, embora tenha o sentido de “fazer”, em inglês, também pode significar executar, performar, realizar, mas não serve para o sentido de “produzir” ou “fabricar” (mais propriamente correspondente, em uso, o verbo “to make”). Assim, embora no Brasil utilizemos a expressão “fazer a diferença” para ambos os casos (*doing difference*, como dito por Connell acima, e *to make the difference* como se diz no jargão do trabalho social, das ONGs, etc.), em inglês tratam-se de duas expressões distintas.

## CORPOS JOVENS

A adolescência é uma questão de corporificação do social. As mudanças físicas da puberdade costumavam ser o centro dos manuais sobre adolescência, com as idades médias – e a grande variação de idade – da menarca e do desenvolvimento dos testículos cuidadosamente calculadas. Aprendemos com esses livros sobre o “estirão de crescimento” dos adolescentes, o advento dos pelos pubianos, e as mudanças na produção de hormônios. Essas são as mudanças enfatizadas pelas explicações essencialistas da adolescência. De fato, a adolescência é entendida popularmente como a época em que os hormônios entram em ebulição e os meninos, portanto, fogem do controle.

As mudanças físicas são importantes, mas elas não determinam absolutamente a como se experimenta a adolescência. Essa é uma questão de como as práticas sociais se relacionam com as mudanças e diferenças físicas e dão significados sociais a eventos biológicos.

A experiência sexual costuma ser um motivo de orgulho, e uma reivindicação da honra masculina entre meninos adolescentes. Ainda assim, muitos adolescentes não têm essa experiência. A pesquisa nacional que atualizou o famoso relatório Kinsey<sup>31</sup> nos Estados Unidos descobriu uma média de 18 anos de idade para a primeira relação sexual no país (Laumann et al., 1994). Uma pesquisa nacional australiana mais recente descobriu que a média de idade da primeira relação sexual

31 Para maiores informações e uma problematização dos relatórios estatísticos sobre práticas sexuais, ver SENA, Tito. Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. Tese Doutorado Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

vaginal é 18 anos para meninas e 17 para meninos (Rissel et al., 2003). Nesses países ricos, a primeira relação sexual em geral acontece por volta do fim da adolescência, e não no início.

Isso pode ser diferente em outros países. Mesmo dentro dessas duas pesquisas, existem diferenças entre classes sociais e entre gerações – na Austrália, por exemplo, a idade de iniciação sexual tem diminuído. A ideia do despertar sexual na adolescência é largamente difundida, mas ela diz respeito experiências reais muito diversas. Por exemplo, o sociólogo australiano Terry Leahy (1992) explorou a experiência muito estigmatizada das relações homossexuais transgeracionais – o que a mídia e os políticos denunciam de maneira aterrorizada como “pedofilia”. Ele entrevistou homens que haviam sido os parceiros mais jovens nesses relacionamentos, e descobriu que muitos não se viam como vítimas, mas sim tinham vivido experiências positivas, que eles interpretaram por meio do discurso do despertar adolescente.

Leahy também descobriu entre seus entrevistados um conceito de masculinidade que incluía o *direito* ao prazer sexual. Esse conceito também é encontrado entre a juventude masculina heterossexual. Mark Totten (2000), em um estudo perturbador sobre jovens violentos de 13 a 17 anos no Canadá, descobriu que jovens que batem em suas namoradas, caracteristicamente, acreditam nas prerrogativas dos homens, nas divisões rígidas de gênero, e na subserviência “natural” das mulheres ao desejo dos homens. Eles provavelmente herdaram uma ideologia patriarcal e autoritária de gênero ou de seus pais ou de grupos de amigos homens, ou de ambos.

A ideologia popular trata a heterossexualidade adulta como “natural”. Na verdade, tornar-se heterossexual envolve um aprendizado complexo – como lidar com potenciais parceiras, o que pensar sobre si, e também o aprendizado de técnicas sexuais. Tornar-se heterossexual demanda que outras possibilidades

sexuais sejam marginalizadas, principalmente o erotismo homossexual. A conhecida etnografia, de Mairtin Mac an Ghaill (1994) do processo de “produção de homens” [*making of men*] em uma escola secundária britânica e a abrangente entrevista de Wayne Martino e Maria Pallotta-Chiarolli (2003) com jovens na Austrália, concorda quanto a esses pontos. A heterossexualidade é aprendida, e esse aprendizado, para meninos, é um lugar importante de construção da masculinidade.

Contudo, existem outros espaços de produção das masculinidades. A prática corporal que hoje é quase tão importante quanto a sexualidade, nesse sentido, é o esporte (Messner, 2002; Huerta Rojas, 1999). O esporte de equipe, organizado e competitivo, é uma prática social especialmente moderna. É intensamente segregada por gênero e dominada por homens. Esportes como o rugby [*football*]<sup>32</sup> também são extraordinariamente populares, com taxas elevadas de participação de meninos adolescentes. Uma atividade de lazer envolvendo corpos em combate ritualizado, assim é apresentada a um grande número de jovens, como um lugar de camaradagem masculina, uma fonte de identidade, uma arena de competição pelo prestígio e como uma carreira em potencial.

Poucos homens de fato realizam uma carreira profissional nos esportes – e aqueles que o fazem provavelmente sofrerão de alguma doença crônica no futuro (Messner, 1992). A prática do esporte envolve lesões. Existe uma pressão social sobre os jovens para demonstrar resistência, negar a dor e continuar jogando mesmo machucado, o que leva esportistas a se

32 Na Austrália, o termo *football* é usado para denominar o esporte conhecido no Brasil – e em diversas regiões da própria Austrália – como rugby. O futebol é chamado de “*association football*” ou, eventualmente, de “*soccer*” (termo retirado do inglês estadunidense).

alienarem de suas próprias experiências corporais (White et al., 1995). Isso contribui com um problema generalizado sobre a saúde masculina, que é uma tendência a negar a doença e subutilizar a assistência médica primária. Na vida adulta, a maioria dos homens nem mesmo busca os benefícios do exercício, já que em geral eles se relacionam com o esporte como espectadores, cada vez mais por meio da televisão.

Pesquisas nos setores de saúde e educação produziram muitas informações sobre os anos da adolescência como formadores de outras práticas corporais – como o uso de álcool e a violência. Parte dessas pesquisas subestima a dimensão de gênero, como é o caso das pesquisas sobre *bullying*<sup>33</sup> em escolas. Mas outros estudos sobre a violência na juventude enfatizam, sim, a dimensão de gênero e veem o trabalho educacional sobre questões masculinas como sendo crucial para sua prevenção (Wölf, 2001).

Na adolescência, a corporificação da masculinidade toma novas formas e se aproxima de modelos adultos. Mas isso não significa, de forma alguma, um processo padrão que segue um caminho predeterminado. De fato, práticas corporais, como o encontro sexual e o esporte organizado, se tornam importantes meios de diferenciação entre meninos e jovens, e espaços de produção das masculinidades hegemônicas e subordinadas.

33 Termo utilizado prioritariamente pra descrever o assédio ocorrido entre estudantes no ambiente escolar, mas que eventualmente se emprega a descrição de outros tipos de assédio em locais de trabalho e mesmo na escola (entre um professor e estudante/s, por exemplo). Como em todo caso de assédio, trata-se de uma violência que toca pelo menos a esfera psicológica, podendo ou não se manifestar em exercício físico de violência sobre o corpo, e que pressupõe uma relação desigual de poder. Para um debate maior sobre a questão, ver Marriel, Lucimar Câmara, et al. "Violência escolar e auto-estima de adolescentes." *Cadernos de pesquisa* 36.127 (2006): 35-50.

Ironicamente, as práticas corporais frequentemente adotadas por meninos precocemente em busca do *status* de adultos e do prestígio masculino entre seus colegas são aquelas com os efeitos mais tóxicos sobre seus corpos – fumar, dirigir imprudentemente, praticar a violência física e o sexo desprotegido. Em situação de pobreza da comunidade e de alta prevalência do HIV, como no caso da etnografia de Katharine Wood e Rachel Jewkes (2001) sobre a juventude Xhosa na África do Sul, as consequências desse comportamento podem ser fatais, não somente para os homens jovens como também para as mulheres jovens em suas vidas.

## PODERES E SEDUÇÕES DO MUNDO ADULTO

O mundo adulto encara as pessoas jovens como um fato, como um mundo já feito, e não como produto de seus próprios desejos ou práticas. No entanto, a adolescência é, por definição, o processo de se tornar um participante desse mundo adulto. Os poderes desse mundo – o Estado, o mercado, o capital corporativo – estão, portanto, mais próximos, e menos mediados do que estiveram durante a infância. Ao mesmo tempo, os prazeres e liberdades da vida adulta também estão mais ao alcance.

As crianças conhecem o Estado principalmente por meio do sistema educacional, já que, em países ricos, a escola ocupa majoritariamente o dia da maior parte da população desde a média infância até a adolescência tardia. Os poderes coercitivos do Estado ficam claros quando os adolescentes entram em conflito aberto com a escola. Isso acontece com maior frequência com a juventude de classe trabalhadora, e muito mais com meninos do que com meninas. Nas escolas públicas em Nova Gales do Sul, por exemplo, os meninos foram objeto

de 85% de medidas disciplinares sérias em 1998 e os números foram ainda mais altos em áreas de classe trabalhadora (*Sydney Morning Herald*, 11 de março de 1999). Muitas pessoas jovens simplesmente não consideram produtivo o tempo que passam na escola.

Muitas delas, portanto, veem a entrada no mercado de trabalho como uma solução. Quanto mais pobre a comunidade, mais provável que adolescentes entrem no mercado de trabalho. Onde existe um mercado de trabalho formal fortemente segregado por gênero, a juventude da classe trabalhadora pode aprender sua masculinidade ao participar da “cultura de chão de fábrica”, como descrita por Paul Willis (1979) para uma cidade industrial na Grã-Bretanha uma geração atrás. Mas com o aumento do neoliberalismo em todo o mundo, e a migração do campo à cidade, o trabalho informal cresceu; e em alguns países, em grande escala. O trabalho informal frequentemente tem segregação de gênero. Por exemplo, meninos têm maior possibilidade do que meninas de serem recrutados pela parte do mercado de trabalho informal que consiste em tráfico de drogas e pequenos furtos. Essa divisão por gênero do trabalho se reflete em muito maior escala na prisão e condenação de meninos adolescentes (por exemplo, na Austrália, meninos perfazem 88% das condenações de jovens em Nova Gales do Sul; *Bureau of Crime Statistics and Research*, 2002).

Adolescentes também conhecem o mundo corporativo como consumidores. Nos países ricos, de fato, essa é a principal maneira pela qual conhecem a economia. Adolescentes se tornaram um mercado consumidor muito significativo – de roupas, música, revistas, entretenimento, bens eletrônicos como telefones celulares, e mesmo de veículos. O festejado livro de Naomi Klein (2001), *No Logo* (Sem Logo)\*, registra o zelo das empresas estadunidenses em monitorar, e suas tentativas de manipular, as mudanças de estilo entre adolescentes.

A maior parte, embora não todos, desses bens de consumo são generificados, isto é, produzidos e vendidos de maneiras diferentes para meninas e meninos adolescentes. A publicidade cria imagens atraentes de adolescentes saudáveis e despreocupados se divertindo dentro das expectativas de seu gênero com o produto adequado ao seu gênero. O consumo de massa, assim, se torna um lugar de reprodução de uma dicotomia normativa de gênero. No entanto, também pode ser um meio para a circulação de inovações de gênero. Um interessante e divertido estudo mais recente interpretou a imensa popularidade dos Beatles como um veículo para a popularização de novos modelos de masculinidade nos anos 1960 (King, 2013).

A aproximação da vida adulta também oferece novas possibilidades de intimidade. Apesar de algumas teorias sociológicas sobre relacionamentos “fluidos”, a intimidade continua sendo fortemente estruturada com base em gênero (Jamieson, 1998). Pesquisas feitas há um tempo sobre adolescência em países de primeiro mundo descobriram um padrão persistente de mudança segundo o qual as amizades no início da adolescência tipicamente são entre pessoas do mesmo gênero, mas com o tempo amizades entre gêneros se tornam mais comuns (Connell et al., 1975: 210).

Nada em estudos mais recentes contradiz isso, e parece ser um padrão previsível para uma ordem de gênero com famílias formadas por casais adultos heterossexuais e uma interdição da sexualidade infantil. Em tal ordem de gênero, a adolescência é o período em que casais heterossexuais se tornam um modelo normativo na vida em grupo entre colegas.

No entanto, como mostram Martino e Pallotta-Chiarolli (2003), assim como muitos outros, o que é normativo de forma alguma é também universal. Outros modelos de sexualidade – gay, assexual, incerta, polimorfa – também estão emergindo. Não obstante, casais heterossexuais são os mais comumente

formados, e perfazem grande parte da atividade sexual que ocorre ao fim da adolescência. Em muitos cenários culturais, da Grã-Bretanha ao Chile, a paternidade é importante às definições dominantes de masculinidade adulta, e, assim, muitos jovens desejam a paternidade como parte importante de seu futuro (Frosh, Phoenix e Pattman, 2002; Olavarria, 2001).

Alguns adolescentes se tornam pais quase imediatamente depois que começam a ter relações sexuais. Atenção maior é dada às “mães adolescentes”, mas os rapazes adolescentes também estão envolvidos. Existem alguns registros sobre pais adolescentes, que deixam clara a diversidade de reações à gravidez de suas parceiras. Elas vão desde choque e confusão, rejeição e tentativas de fugir da responsabilidade, até o envolvimento ativo com a paternidade (Massey, 1991). No Brasil, foi desenvolvido um tipo de educação comunitária para pais muito jovens (Lyra, 1998), focando seu interesse em suas parceiras e seus bebês como forma de mudar os modelos convencionais de comportamento masculino.

### PONTOS DE PARTIDA E PROJETOS

Os pais jovens no estudo de Massey são negros. Eles são parte de um grupo dentro da sociedade estadunidense, principal alvo de racismo, no qual há incidência de pobreza e violência, e a menor média de idade para início da vida sexual. Os jovens envolvidos, portanto, provavelmente constroem suas primeiras relações sexuais em condições de privação e tensão social, muito diferentemente das condições dos adolescentes brancos abastados do mesmo país.

A diversidade entre jovens, as diferentes situações vividas, a variedade e complexidade das masculinidades construídas ficaram bem evidentes com as novas pesquisas. Um exemplo representativo, advindo da sociologia da educação, é o amplo estudo sobre alunos da escola secundária na Irlanda feito

por Kathleen Lynch e Anne Lodge (2002). Ele demonstra a importância constante das desigualdades de classe, mas também revela desigualdades determinadas por região, sexualidade, identidade étnica e gênero. Martino e Pallotta-Chiarolli (2003) chamaram a segunda parte de seu livro sobre meninos de “masculinidades diversas” e mapearam ali a diversidade em termos de sexualidade, necessidades especiais, identidade étnica, raça e região da Austrália.

Temos fortes razões, portanto, para enfatizar as diferentes circunstâncias sociais nas quais os jovens enfrentam a ordem de gênero e começam a formar as masculinidades. Por sua vez, seus projetos de masculinidade enfrentam reações diversas das autoridades e instituições.

Assim, meninos afro-caribenhos na Inglaterra (O'Donnell e Sharpe, 2000) enfrentam muito policiamento e preconceito social. Em alguns casos, eles desenvolvem uma identidade étnica e de gênero que é simultaneamente defensiva e agressiva. Como Ann Ferguson (2000) demonstra, para meninos negros nos Estados Unidos, o jogo entre preconceito racial, policiamento e autoridade escolar por um lado, e a formação ativa da masculinidade por outro, leva muitos a uma trajetória de conflito. As respostas disciplinares ao seu comportamento “fora de controle” podem ter consequências educacionais e sociais devastadoras.

Algumas pessoas jovens se deparam com forças ainda mais coercitivas. Por exemplo, jovens da Palestina sob a ocupação de Israel crescem em condições nas quais as forças invasoras rotineiramente espancam e às vezes atiram em homens e meninos adolescentes. A ocupação destruiu a maior parte do arcabouço anterior de autoridade social na sociedade palestina. Ali, resistência e masculinidade se entrelaçam. A conquista do “ser homem” é um projeto definido dentro da coletividade dos jovens por meio de protesto, aprisionamento e violência (Petee, 2000). E fica claro que processos semelhantes ocorreram entre

jovens na África do Sul na luta contra o regime de apartheid (Xaba, 2001). De fato, isso provavelmente acontece em qualquer situação em que adolescentes são recrutados para movimentos de resistência, forças paramilitares ou exércitos.

Em uma pesquisa inusitada, Mike Donaldson (2003), na Austrália, observou a construção da masculinidade em circunstâncias opostas, ou seja, entre famílias muito abastadas. Crescer em uma família muito rica, embora garanta abundância material e um senso de merecimento, não é fácil. Entre as tensões sofridas pela juventude rica estão um isolamento emocional dos pais, um regime deliberado de “endurecimento”, um senso de distância do resto da sociedade e uma dificuldade de formar relacionamentos próximos e leais.

Parte desse treinamento ocorre nas escolas particulares de elite. Os projetos de manutenção da riqueza das famílias privilegiadas e a construção das masculinidades de seus filhos são introduzidos por meio das instituições que consolidam as divisões sociais. Esse processo é particularmente claro no magnífico estudo feito por Robert Morrell sobre a sociedade colonial da região de Natal<sup>34</sup>, *From Boys to Gentlemen* (2001) (De garotos para homens). No interior pastoral desta colônia, os colonos ingleses proprietários de terras criaram um sistema de escolas secundárias para meninos. Essas escolas, por meio de um regime de hierarquia e brutalidade, definiram uma masculinidade dominante orientada ao privilégio e à violência. Esse modelo de gênero se espalhou pela sociedade branca colonial e contribuiu para a manutenção da dominância racial e da hierarquia de classe ao longo de várias gerações.

Nem todos os meninos, é claro, se tornam cúmplices desse tipo de projeto. É particularmente interessante a documentação de Mac an Ghaill das experiências da juventude gay. O

34 Região da antiga Natal, colônia britânica no sudeste africano.

projeto de formação da masculinidade, para eles, é mais explicitamente sexualizado, pois eles são definidos como desviantes da cultura heteronormativa. Aqui, a *falta* de apoio institucional para a construção da masculinidade é notável: a escola não tem espaço para a “masculinidade gay” em seu repertório cultural. Outros estudos sobre a construção da sexualidade gay, como o notável estudo de histórias de vida feito por Gary Dowsett (1996) e os dados de Martino e Pallotta-Chiarolli (2003), confirmam a imagem de uma educação que não os apoia. A juventude gay precisa de apoio – há evidências de homofobia generalizada entre os colegas, especialmente entre meninos (ver Lynch e Lodge, 2002: 136-8). Regras contra a discriminação raramente são impostas.

## CULTURAS JOVENS, ESCOLAS SECUNDÁRIAS E TRABALHO JUVENIL

Nos casos em que as reações coletivas entre jovens se destacam e tomam formas simbólicas – modos específicos de se vestir, de falar, de se divertir ou um senso de solidariedade – se tornou comum falar em “subculturas da juventude” (ou simplesmente de uma “cultura jovem”). Essa ideia foi desenvolvida por um grupo muito criativo de sociólogos britânicos nos anos 1970 (Hall e Jefferson, 1975; Willis, 1977, Robins e Cohen, 1978). Destacam-se em suas descrições modelos muito marcados de masculinidade, muitas vezes enérgicos, combativos, contra autoridade e homofóbicos. Há uma ênfase na “rigidez” masculina, um desprezo por mulheres e uma raiva das classes mais privilegiadas – muitas vezes expressos na forma de abuso sexual ou de gênero.

As diferentes culturas jovens são importantes para entender a adolescência. O fato de que elas surgem e desaparecem em circunstâncias históricas específicas é uma prova importante contra

o modelo biológico-determinista de uma trajetória fixa de desenvolvimento da juventude. O fato de que essas culturas são criadas por eles próprios (e muitas vezes temidas pelo mundo adulto) é um indício importante de que a juventude tem agência na criação de suas próprias vidas. E a atuação coletiva demonstrada em sua criação vai contra o modelo individualizado de crescimento que é comum na psicologia do desenvolvimento.

Hoje há uma literatura de pesquisa internacional muito variada. Um apanhado de “subculturas da juventude” na Austrália (White, 1999) inclui skatistas, entusiastas de automóveis, hip hop, fãs de Spice Girls, fanzines, juventude aborígine, libanesa e vietnamita, jovens presos, lésbicas e juventude gay.

Há uma variedade considerável de masculinidades aqui. A masculinidade nas subculturas não é mais vista sempre como uma masculinidade “dura”, de protesto<sup>35</sup>. Inclusive, Joaquim Kersten (1993) descreve uma subcultura no Japão em que o estilo masculino beira o travestismo. A emergência de um estilo *queer*<sup>36</sup> na vida urbana e nas casas noturnas de shows também quebra com as oposições rígidas de gênero.

Tem havido crescente reconhecimento de raça e etnias não como divisões fixas, mas como relações dinâmicas entremeadas com a formação de gênero. Scott Poynting, Greg Noble e Paul Tabar (2003) oferecem um excelente estudo de caso desse processo entre a minoria libanesa de língua árabe na Austrália. Essa comunidade, alvo de preconceito cruel em anos recentes, tem alta taxa de desemprego, uma relação complicada com o sistema educacional e sofre muito abuso policial. Grupos formados exclusivamente por homens

35 Ver nota geral de tradução no início do livro, sobre o termo “masculinidade de protesto”.

36 Ver nota geral de tradução no início do livro, sobre o termo *queer*.

afirmam a identidade libanesa [*Lebs rule!*<sup>37</sup>], trocam insultos com outras juventudes étnicas e afirmam uma forma de masculinidade baseada em proezas físicas, sucesso heterossexual e capacidade de intimidação. Em face ao racismo, os meninos libaneses exigem respeito dessa maneira e são solidários entre si. Mas, bebendo da fonte de tradições fortemente patriarcais, a dignidade que eles afirmam é masculina e demanda a subordinação das mulheres.

Novamente, a diversidade faz diferença: o *status* de minoria étnica não produz somente um modelo de masculinidade. Mike O'Donnell e Sue Sharpe (2000), por exemplo, descrevem masculinidades entre minorias indianas e paquistanesas na Grã-Bretanha que incluem masculinidades de protesto<sup>38</sup> (o que eles chamam de “subcultura machista” ou “subcultura do macho” [*macho subculture*]) mas também projetos voltados à mobilidade social por meio da educação.

Para grande parte dos meninos, principalmente meninos de classe média, as escolas são as instituições formais mais importantes de suas vidas. O aparecimento de um sistema de educação secundário foi uma condição-chave para a emergência da “adolescência” ou “juventude” como categoria social, segundo historiadores (Irving, Maunders e Sherington, 1995).

Os regimes de gênero dentro das escolas são muito visíveis para os meninos, como demonstrado pela pesquisa de Martino (1994) com estudantes australianos sobre a disciplina de “Inglês”<sup>39</sup> (isto é, gramática e literatura) na escola secundária.

37 Expressão em inglês que pode ser traduzida em algo como “Libaneses comandam!”

38 Idem nota de rodapé 14.

39 Note-se que o inglês, no caso, é a língua materna. O equivalente aqui no Brasil seriam as aulas de português (gramática, literatura, redação).

ria. Embora o Inglês seja uma matéria obrigatória, cursada por todos os alunos, os meninos tendem a vê-la como uma matéria voltada para meninas.

Dentro do regime de gênero de uma escola secundária, múltiplas construções da masculinidade são possíveis. Esse fato importante é registrado em muitos estudos (Willis, 1977; Connell et al., 1982; Mac an Ghail, 1994; Frosh, Phoenix e Pattman, 2002). As diferentes masculinidades não simplesmente coexistem lado a lado. Existem relações concretas de hierarquia, exclusão, negociação e, por vezes, tolerância, entre elas.

Isso é demonstrado vividamente em uma das menores etnografias escolares, *Learning Capitalist Culture* (Aprendendo sobre a cultura capitalista), de Foley (1990). Na escola secundária do Texas rural, que estrela esse estudo, muitos tipos de masculinidade foram encontrados: os *jocks* ou esportistas de ascendência branca/anglo-saxônica, os *vatos* ou latinos que desafiam autoridade, e a “maioria silenciosa”, cúmplice, porém inconspícua. Os *jocks* têm o maior prestígio, os *vatos* mantêm uma distância irônica e superior, os *fags*<sup>40</sup> (afeminados ou homossexuais) são alvos de hostilidade, mas a maior parte do *bullying* é praticada por puxa-sacos e não pelos *jocks*. O prestígio, nessa hierarquia, é ligado a prestígio entre as meninas. As *cheerleaders* (líderes de torcida) são o modelo de feminilidade aprovado pela comunidade e só os meninos com maior prestígio arriscam a rejeição e chamam essas meninas para sair. Os outros meninos fantasiam.

As escolas têm muitas características organizacionais em comum, mas seus regimes de gênero podem diferir de maneira significativa. Há uma diferença óbvia entre escolas mistas e aquelas segregadas em termos de gênero. No estudo de Lynch

40 Ver nota geral de tradução, no início do livro, sobre o termo *fag* e outros jargões pejorativos.

e Lodge (2002), na Irlanda católica, foram as escolas só para meninos que mostraram ter definições mais marcadas de masculinidade hegemônica.

Os regimes de gênero das escolas podem mudar. Na era dos programas de igualdade entre gêneros, elas são conscientemente alvo de reformas. Tentativas de envolver os meninos na redução do machismo nas escolas vêm sendo feitas há mais de vinte anos (Dowsett, 1985; Novogrodsky et al., 1992). Quando a política antifeminista reacionária surgiu, um de seus resultados foi o surgimento também de programas especiais para meninos, baseados em ideias estereotipadas sobre a masculinidade como algo natural; esses parecem ter surtido pouco efeito (Weaver-Hightower, 2008).

Existe um histórico mais longo de programas especiais para meninos em organizações voltadas para a juventude. Os esportistas, por exemplo, tentaram levar a masculinidade exploradora para a juventude de classe média da metrópole (Mangan e Walvin, 1987). Foi só recentemente que uma reflexão crítica sobre a masculinidade se tornou possível nesses programas. O programa para a juventude na Alemanha discutido por Heinz Kindler (1993) foi um exemplo pioneiro. Dezenove *workshops* foram criados com o objetivo de aumentar o autoconhecimento entre a juventude, além de sua capacidade de ter bons relacionamentos e seu compromisso com a igualdade de gênero. Eles cobriram tópicos desde carreiras, sexualidade e o corpo masculino até espiritualidade. Nas duas últimas décadas, esses programas se multiplicaram em todo o mundo.

## IMAGINANDO A MASCULINIDADE

Os jovens no programa descrito por Kindler estavam imaginando novas e diferentes maneiras de ser masculino. Isso é algo que a juventude violenta descrita por James Messerschmidt

(2000) e Mart Totten (2000) considera difícil ou impossível de fazer. Reconhecer narrativas alternativas de masculinidade, e diferentes maneiras de ser homem, é um passo crucial para as “maneiras respeitadas de trabalhar com rapazes para reduzir a violência” desenvolvidas e colocadas em prática pelo psicólogo David Denborough (1996) em um dos pioneiros exemplos de programa antiviolência.

A criação de narrativas de masculinidade é, evidentemente, comum entre escritores e roteiristas. O que os alemães chamam de *Bildungsroman* – o romance<sup>41</sup> da educação – delinea as complexidades e ambivalências envolvidas no crescimento, e fornece um rico registro cultural das masculinidades. Isso é bem demonstrado na obra-prima do gênero, o *Portrait of the Artist as a Young Man (Retrato de um Artista quando Jovem)*\*, de James Joyce. Em outro polo estão as imagens unidimensionais de masculinidade nas histórias de aventura *blood and thunder*<sup>42</sup>, primeiro exploradas em milhares de revistas para meninos e agora repetidas nos filmes de ação de Hollywood, cujos meninos e rapazes são o público principal. As narrativas de ficção juvenil e gibis foram usadas por Kimio Ito (1992) para mapear mudanças na identidade de gênero no Japão, principalmente as crescentes tensões e incertezas de meninos e homens.

Mary Rhodes (1994) pediu a adolescentes australianos que criassem histórias em sala de aula. As histórias criadas por grupos, curiosamente, reforçaram imagens dominantes de masculinidade mais do que as histórias criadas individualmente. As histórias criadas individualmente demonstraram maior variedade de tipos

41 Romance aqui como gênero literário, novela. No original, *novel of education*.

42 Gênero literário de um tipo específico de folhetim de ficção, ligado a um universo considerado “masculino”, repleto de cenas de violência, ação, explosões, guerras. O termo “*blood and thunder*” significa, literalmente, “sangue e trovão”.

masculinos. A imaginação também atua em outros contextos. Linley Walker (1997) entrevistou um jovem ladrão de carros em um centro de detenção juvenil australiano. Ele seguia um sistema de regras derivadas de um código antiquado: ganhe seu próprio sustento, proteja mulheres e crianças (ele consertou e devolveu um Mercedes azul roubado por engano de uma mulher) e roube de outros homens. Walker, justificadamente, chama isso de “uma construção fantasiosa de hegemonia masculina” – a masculinidade como uma fantasia de poder.

Margaret Wetherell e Nigel Edley (1999), usando técnicas da psicologia discursiva, propõem que as masculinidades existem não como estruturas consolidadas de papéis, mas como posições imaginárias em um discurso. Homens, na prática, usam essas posições estrategicamente, por vezes adotam-nas, por vezes distanciam-se delas.

Porém, há limites para essa flexibilidade. A maneira pela qual masculinidades são tipicamente imaginadas constrói barreiras fortes em torno de uma zona de comportamento e sentimentos aceitáveis. As entrevistas de Blye Frank (1993) com alunos canadenses da escola secundária de idades entre 16 e 19 anos, descobriu uma hegemonia heterossexual que era imposta pela intimidação de meninos gays e femininos. Pesquisas criminológicas feitas por Steven Tomsen (2002) na Austrália descobriram que assassinatos homofóbicos são frequentemente cometidos por adolescentes ou homens muito jovens, que, ao atacar homens mais velhos que eles acreditam que são gays, sentem que estão defendendo a honra masculina ou punindo os que a burlam. Esses assassinatos são excepcionalmente brutais.

## CONCLUSÃO

Este capítulo propôs uma perspectiva da adolescência e da masculinidade que não assume um ciclo fixo de desenvolvimento, mas que reconhece a realidade do crescimento.

Tudo aponta para a importância de uma abordagem relacional de gênero, que entenda as masculinidades como construções, por vezes provisórias e por vezes em longo prazo, dentro de uma ordem de gênero. O jogo de relações de gênero com outras estruturas de diferença social e desigualdade significa que a construção da masculinidade tem diferentes pontos de partida em diferentes histórias de vida. Isso resulta em uma diversidade de trajetórias, muito bem documentada nas pesquisas modernas.

A adolescência não é uma fase fixa de desenvolvimento; ela é, sim, um período mais ou menos delineado da vida em que certos tipos de encontro acontecem. Corpos em desenvolvimento são reinterpretados e enfrentam desafios, e às vezes são danificados. Instituições, incluindo a escola secundária, são enfrentadas e negociadas, e os poderes do mundo adulto são abordados e confrontados.

Esses encontros formam uma arena de prazer, humor, curiosidade, construção de relacionamentos e sucesso, mas também uma arena de ansiedade e violência. Ao reconhecer a criatividade e a inventividade de pessoas jovens, não podemos esquecer de sua pouca idade, e da muitas vezes desajeitada combinação de potências corporais adultas com a falta de experiência e a dúvida. Muitas vezes, erros, hipersimplificações e ódio decorrem daí.

A adolescência é inerentemente transitória. A maioria dos "adolescentes" se vê como jovem adulto ou quase-adulto em vez de membro de uma faixa etária distinta. As masculinidades da adolescência, em geral, são muito relacionadas às masculinidades definidas para adultos nas comunidades a que pertencem – embora não copiem simplesmente os modelos antigos. Há contradição, distanciamento, negociação e às vezes rejeição de velhos modelos, o que permite que novas possibilidades históricas surjam.

## 7:

## PERSPECTIVAS DO NORTE E DO SUL SOBRE A MASCULINIDADE

### O MOMENTO ETNOGRÁFICO

Na época em que a pesquisa contemporânea sobre masculinidades surgiu, análises feministas já haviam demonstrado que quase todo discurso acadêmico se tratava, em certo sentido, de "estudos dos homens" – isto é, uma forma de conhecimento preponderantemente construída por homens, que priorizava os interesses e perspectivas de homens e marginalizava as mulheres. Mas esse conhecimento existia sem a tematização dos homens como possuidores de gênero. De fato, um dos enganos mais comuns das humanidades, das ciências sociais e mesmo das ciências biomédicas era tomar o "homem" como norma, como representante do universal. Homens, assim, eram tratados como não tendo gênero, sendo que "gênero" significava "mulheres".

A crítica feminista dos anos 1970 destruiu a assunção dessa lógica – embora a prática de construção do conhecimento a partir da perspectiva masculina tenha continuado (por exemplo, na economia neoclássica), e a equação de "gênero" com "mulheres" persista na formulação de políticas públicas no mundo todo. A principal consequência científica do movimento de liberação das mulheres foi o crescimento dos estudos da mulher como área acadêmica. Mas, ao mesmo tempo, abriu-se um caminho para a análise dos homens como participantes

nas relações de gênero, e para os estudos das configurações das práticas sociais associadas à posição dos homens em relações de gênero, isto é, modelos de masculinidades.

Uma das contribuições pioneiras desse novo segmento foi o livro publicado na Alemanha em 1985 por duas pesquisadoras feministas, Sigrid Metz-Göckel e Ursula Müller, *Der Mann: Die BRIGITTE-Studie*. Ele trouxe uma pesquisa abrangente das relações de gênero com foco na situação dos homens, e ajudou a estabelecer um novo segmento da pesquisa de gênero.

Nas ciências sociais da metrópole global, isto é, da Europa ocidental e da América do Norte, já havia uma estreita linha de pesquisa e discussão sobre o assunto. Estudei os escritos em língua inglesa sobre o assunto com meus colegas Tim Carrigan e John Lee, e publicamos os resultados no mesmo ano em que *Der Mann* apareceu. Descobrimos uma literatura banal e abstrata de cunho sócio-psicológico sobre o “papel masculino”, um discurso popular confuso sobre “liberação dos homens” e uma vaga literatura sobre a história das ideias de masculinidade.

Mas, mais interessante do que isso, havia uma literatura psicanalítica sobre as contradições emocionais envolvidas na formação da estrutura do caráter de homens adultos (até mesmo *The Authoritarian Personality*<sup>43</sup>[A personalidade autoritária] poderia ser lido como uma análise das formas de masculinidade), e havia uma crítica contundente à masculinidade heterossexual, feita pelo movimento da libertação gay. Havia também, começando, uma literatura etnográfica focada nos homens e na masculinidade, advinda tanto de estudos antropológicos em sociedades não-ocidentais quanto de estudos socialistas-feministas em distintos ambientes de trabalho.

43 Obra de Theodor W. Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford, sem publicação no Brasil.

Nos vinte anos após 1985, essa literatura de pesquisa cresceu com velocidade impressionante. *Der Mann* continuou sendo uma das poucas pesquisas quantitativas abrangentes sobre as práticas de gênero dos homens na vida cotidiana. Mas novos estudos quantitativos de psicologia social baseados em escalas de masculinidade/feminidade se multiplicaram, e novas escalas de masculinidade foram produzidas. Surgiram historiografias muito superiores, baseadas em cuidadosas análises documentais. Estudos de histórias de vida de homens com profissões específicas, ou em contextos sociais específicos, se multiplicaram. E também proliferaram as análises culturais da construção das masculinidades em textos ficcionais, na publicidade, nos filmes e nos esportes.

Etnografias de comunidades ou localidades específicas com observação participante também se multiplicaram: uma subárea particularmente rica foi a das etnografias de escolas, como cenários nos quais formas de masculinidade são construídas e aprendidas e onde as relações entre elas são negociadas. Estudos sobre a paternidade, sobre violência masculina, sobre masculinidade militar e estudos sobre masculinidade organizacional e executiva emergiram ou se expandiram (não desejo que este artigo fique abafado por uma vasta lista de referências; pode-se encontrar pontos de entrada dessa literatura em Connell, 2005; Kimmel, Hearn e Connell, 2005; e no trabalho de contribuintes desse volume incluindo Hagemann-White, Meuser e Hearn).

Chamo esta fase de “momento etnográfico” da pesquisa sobre masculinidades. A etnografia clássica com observação participante é somente um dos métodos de pesquisa. A literatura como um todo, não obstante, compartilha como a etnografia clássica um foco no registro das especificidades da cultura e das relações sociais em um lugar particular, em certo período. Podemos ver o campo da pesquisa sobre masculinidades se desenvolvendo, nesse período, como uma crescente montagem de documentação etnográfica.

A rica documentação etnográfica foi importante para superar a forte tendência na literatura popular, especialmente na psicologia popular, de tratar “homens” como um grupo homogêneo, e “masculinidade” como uma entidade a-histórica e fixa. Os detalhes etnográficos também chamaram a atenção de pessoas de fora do mundo acadêmico. Ao longo dos anos 1990, houve um grande desenvolvimento de várias formas aplicadas de conhecimento, baseadas nesse momento etnográfico da pesquisa da masculinidade (Connell, 2000). O trabalho feito com a educação de meninos foi uma delas, dada sua urgência a partir do pânico da mídia quanto a uma suposta “falha” dos meninos na educação e o ressurgimento de ideias essencialistas sobre as diversas maneiras de aprender dos meninos<sup>44</sup>. Esforços de prevenção da violência constituíram outra aplicação, tanto no nível da violência pessoal quanto no nível do conflito civil e da guerra. Desenvolveu-se um discurso sobre a saúde masculina, em que a pesquisa sobre masculinidades ofereceu um contraponto à categorização simples predominante nas ciências biomédicas quando falavam de gênero. A clínica psicológica voltada para meninos e homens também se expandiu muito.

Talvez o desenvolvimento mais notável no segmento, no entanto, tenha sido sua rápida transformação em uma área de conhecimento mundial. Na medida em que cresceu a documentação etnográfica na Alemanha, na Escandinávia, na Grã-Bretanha, na América do Norte e na Australásia, estudos sobre os mesmos tipos de questões cresciam na América Latina, no sudeste da África, na região mediterrânea, entre outras áreas. Por exemplo, o programa mais duradouro de pesquisa e documentação sobre homens e masculinidades em qualquer lugar do mundo foi lançado no Chile em meados dos

44 Sobre esse quadro educacional, especificamente no Brasil, consultar os trabalhos de Marília Pinto de Carvalho (USP).

anos 1990, atraindo pesquisadores de toda a América Latina. No meio dos anos 2000, não havia apenas estudos individuais, mas também coleções publicadas com pesquisas descritivas e estudos aplicados em praticamente todos os continentes ou áreas culturais, incluindo masculinidades africanas, islâmicas, do leste da Ásia, masculinidades cambiantes na Índia, e outras.

Na medida em que a pesquisa de masculinidades se multiplicou pelos continentes, a documentação da diversidade de masculinidades passou a uma nova ordem de magnitude. O desenvolvimento era animador, ainda que fosse só por essa razão. Com o tempo, no entanto, ficou claro que a aparição de uma área de conhecimento mundial teria, mais uma vez, profundas consequências.

## A ARENA GLOBAL DE CONHECIMENTO

Na segunda metade do século XX, depois de uma série de crises e convulsões, o capitalismo foi restabelecido sob a hegemonia dos EUA como um sistema global de relações econômicas. Firms internacionais, primeiramente chamadas de “corporações (ou empresas) multinacionais”, se tornaram as principais instituições de produção e marketing. Nos anos 1960, inicialmente por causa da necessidade dessas corporações de terem fundos para transações internacionais, um novo corpo de capital sem monitoramento do Estado se tornou visível. O mercado do eurodólar veio primeiro, seguido imediatamente pelo mercado do petrodólar. Quando chegaram os anos 1980, era crescente a integração dos mercados de capital e moeda das maiores potências econômicas, e as corporações multinacionais tinham adotado estratégias de terceirização internacional de componentes, o que resultou em uma descentralização global da produção industrial. Economias de baixos salários e áreas em desenvolvimento no México, na China, no

sul da Ásia e em outros lugares, de uma hora para a outra se tornaram importantes nas estratégias de grandes corporações, e o cinturão da ferrugem surgiu no vale do Ruhr, no norte da Inglaterra, e na Pennsylvania.

Jornalistas de negócios nos anos 1980 começaram a escrever sobre “globalização” como uma maneira de resumir essas mudanças. A ideia ganhou força com o surgimento da ideologia e da política neoliberal, a partir do final dos anos 1970, que guiaram o crescimento do comércio internacional e, em certo grau, padronizaram os regimes de políticas de diferentes países. Nos anos 1990, a ideia foi adotada por sociólogos e teóricos culturais. Uma literatura sobre a nova forma da sociedade falava-se muito de compressão espaço-temporal, homogeneização cultural ou hibridismo e interfaces locais/globais.

A questão também foi adotada por estudiosas do feminismo, e uma literatura começou a surgir sobre globalização e gênero. A principal preocupação dessa pesquisa era a documentação do impacto dos processos de globalização nas vidas das mulheres. Mulheres migrantes se tornaram muito mais importantes nos estudos feministas; a literatura sobre “mulheres e desenvolvimento”, anteriormente bastante separada das pesquisas feministas na metrópole global, ganhou mais significado; e os escritos feministas pós-coloniais (Spivak, Mohanty, Lourdes<sup>45</sup> e outras) receberam mais atenção no mundo acadêmico da metrópole.

Ao final dos anos 1990, essas preocupações também tinham integrado o campo das pesquisas sobre masculinidades, e uma discussão sobre “masculinidades e globalização” se iniciou.

45 Para tomar contato com o trabalho dessa linha teórica do pensamento feminista, recomendamos a leitura de *Gênero – Uma perspectiva global*, de Raewyn Connell e Rebecca Pearse, lançado pela editora nVersos em 2015.

Esse projeto envolveu a aceitação da proliferação global da pesquisa sobre masculinidade e a exploração de sua relevância para as políticas públicas. Com a ajuda de um conceito de globalização, poderia se começar a ordenar a torrente de informações, recém-chegadas, sobre as vidas dos homens e os dilemas da masculinidade em diversas partes do mundo. Em particular, isso gerou uma maneira de falar sobre as mudanças nas vidas dos homens: seja nas discussões na América Latina sobre o impacto da reestruturação neoliberal dos modelos tradicionais de paternidade patriarcal, seja nas discussões no Oriente Médio quanto à turbulência cultural sobre a masculinidade ser um resultado da influência cultural do Ocidente, da dominação econômica e das resistências locais. Certamente. A ideia de “globalização” em boa parte desta discussão era muito simplificada, mas pelo menos ela fornecia um quadro de referência amplamente conhecido.

Também foi possível associar a literatura internacional sobre masculinidades às discussões internacionais sobre desenvolvimento e resolução de conflitos. O projeto de “mulheres e desenvolvimento”, que tinha criticado a exclusão das mulheres dos programas pós-coloniais de desenvolvimento econômico e social, estava, nesse momento, se transformando em uma linguagem de “gênero e desenvolvimento”, com uma preocupação explícita em tematizar o papel do homem na criação das desigualdades e – com sorte – remediá-lo. Os esforços de paz e de resolução de conflitos, os quais tinham dado atenção às mulheres como criadoras ou conservadoras da paz, agora também se voltavam aos homens como atores generificados – tanto na produção da violência como na criação da paz.

Ao início da nova década, agências internacionais estavam desenvolvendo essas ideias preliminares para transformá-las em um discurso político generalizado. Três agências das Nações Unidas (a Organização Internacional do Trabalho, o Programa Global para a Aids, e a Divisão para o Avanço das

Mulheres) coordenaram uma discussão internacional sobre o papel de homens e meninas na conquista da igualdade de gênero, a qual bebeu amplamente da fonte do “momento etnográfico” da pesquisa sobre masculinidades em todo o mundo. Essa iniciativa produziu um documento adotado na reunião de 2004 da Comissão da ONU sobre a Situação da Mulher, um comitê permanente de sua Assembleia Geral.

Por trás desses desenvolvimentos, no entanto, estava outro tipo de mudança – uma mutação epistemológica. A natureza dessa mudança fica clara quando pensamos no debate sobre o papel do homem nos estudos de desenvolvimento e nas políticas de desenvolvimento. Quando o discurso de “mulheres no desenvolvimento” mudou para um discurso sobre “gênero e desenvolvimento”, um espaço, de certa forma, estava sendo encontrado para os homens. Isso foi necessariamente assim porque a ideia básica de gênero tem a ver com uma relação (mais precisamente um modelo de relações), e não com uma categoria única. Mas os homens já estavam, é claro, nos programas de auxílio ao desenvolvimento, em peso. Esse foi o problema-alvo do movimento de “mulheres pelo desenvolvimento”. O que estava faltando eram as análises dos homens como atores generificados, dos modelos de masculinidade e da maneira como foram envolvidos na distribuição de recursos e na formulação de estratégias de desenvolvimento. Entretanto, destacar o homem dentro do discurso de gênero e desenvolvimento abriu a possibilidade para que os homens – alguns homens, pelo menos – voltassem a ocupar a única parte do campo do desenvolvimento da qual as mulheres haviam conquistado algum controle.

Como agências de desenvolvimento agora têm muito mais consciência de questões de gênero do que há uma geração atrás (esquemas de microcrédito são um sinal disso, ainda que sejam duvidosos como estratégia de desenvolvimento), o perigo de uma invasão do “gênero-e-desenvolvimento” por homens não é

expressivo. Contudo, o debate em si propôs a questão da dinâmica de gênero dentro de um tipo específico de instituição global, isto é, a indústria do auxílio ao desenvolvimento e às ONGs e agências intergovernamentais que são a sua forma institucional – o que parece ter grandes implicações. Isso abre toda uma questão para compreendermos as relações de gênero no espaço transnacional.

Uma conclusão semelhante surge quando pensamos nas pesquisas sobre masculinidade em relação à epidemia de HIV/ Aids. Alguns dos melhores trabalhos etnográficos (em um sentido amplo) sobre masculinidades, sexualidade e violência, seja na África, na Austrália ou na América Latina, desenvolveram-se como uma reação à crise da Aids, muitas vezes patrocinados por agências de saúde ou ONGs dedicadas à Aids. A ação local é vital, não somente em relação à prevenção, mas também em relação aos tratamentos e à assistência. Então estudos de ordens de gênero patriarcais locais e seus papéis na criação de vulnerabilidade entre mulheres continuam sendo importantes (ver Thege, 2009).

No entanto, essa é uma questão mundial. O vírus se espalha em viagens internacionais, a vulnerabilidade é criada por meio da dinâmica econômica internacional, e a coordenação internacional de esforços de prevenção é crucial. Como Silberschmidt (2004) observa com base em pesquisas no leste da África, o perigo para as mulheres vem não tanto das formas tradicionais de privilégio de gênero dos homens, mas, em muito, de uma perturbação pós-colonial nas relações de gênero e das tentativas de reafirmar o poder masculino em circunstâncias diferentes. O significado específico da sexualidade masculina na epidemia não pode ser entendido sem uma confrontação com as relações de gênero em arenas transnacionais.

Isso é uma questão que vai além das capacidades do “momento etnográfico” como abordagem de pesquisa, porque os métodos usados naquele momento tinham a ver com as especificidades da masculinidade em certa época e em certo lugar,

isto é, uma cultura específica, ou instituição, profissão etc. Pode-se dizer que, apesar da preocupação explícita em grande parte das pesquisas do momento etnográfico com as questões de mudança, há uma tendência forte de pensar em cada ordem de gênero estudada nessa literatura como um tipo de modelo cultural consolidado localmente, um elo vagamente conectado com o que se revela em outras etnografias.

Na realidade, já havia um corpo de pesquisa lidando com essas questões, embora suas implicações metodológicas não tenham sido imediatamente reconhecidas, que foi a pesquisa histórica sobre o imperialismo, gradualmente afetada pelo crescimento dos Estudos sobre a Mulher. A pesquisa sobre as mulheres como colonizadoras e sobre as mulheres em comunidades colonizadas aumentou e foi eventualmente suplementada pela pesquisa com foco em gênero sobre homens como colonizadores e colonizados. O colonialismo entrou em foco como um campo das dinâmicas de gênero. O estudo mais antigo sobre "cultura masculina" e colonialismo foi o trabalho do historiador neozelandês Phillips, cujo primeiro artigo sobre essa questão foi publicado ainda em 1980 – sintomaticamente, em uma coleção intitulada *Women in New Zealand Society*. (Mulheres na sociedade da Nova Zelândia). Mais e melhores pesquisas históricas seguiram-se, notadamente o trabalho clássico de Morrell sobre as instituições do colonialismo na África do Sul.

O que essa pesquisa histórica demonstrou foi que o imperialismo não teve somente impacto nas ordens de gênero de sociedades colonizadas. O imperialismo foi necessariamente um processo generificado; masculinidades específicas e relações de gênero específicas foram inscritas no projeto da colonização em si. A construção de impérios mundo afora não pode ser vista como anterior à produção dos efeitos de gênero. O gênero estava embutido e foi formativo nessa construção inicial de um espaço transnacional e transregional.

E se isso foi verdade quanto ao imperialismo, não seria também verdade quanto ao descendente direto do imperialismo – o sistema contemporâneo do capitalismo global? Tanto a pesquisa histórica quanto as questões que surgiram da aplicação da pesquisa historiográfica contemporânea convergem, assim, na ideia das arenas de interação social no espaço transnacional, isto é, as instituições de negócios, política e comunicação transnacional, como tendo sido generificadas desde o início. Os regimes de gênero dessas instituições estão abertos para estudos, a ordem de gênero do espaço transnacional, como um todo, precisa ser mapeada – e, como parte desse esforço, as masculinidades construídas neles precisam ser pesquisadas.

### ALGUMAS VISÕES SULISTAS DE MASCULINIDADE

Prestar atenção a sociedades, culturas e histórias para além da metrópole limpa o terreno para outra mudança epistemológica. O feminismo descobriu isso nas conferências da Década da Mulher da ONU, nas quais mulheres da metrópole global perceberam outras de diversas partes do mundo não compartilhavam de sua visão e se opuseram a parte de sua agenda política. Parte disso aconteceu pelo fato de que as delegações oficiais dessas conferências foram indicadas por governos-membro – é fácil se esquecer de que a ONU é uma associação de governos – quase sem exceção, dominados por homens. Mas na medida em que a experiência foi digerida, cada vez mais se aceitou que havia uma diversidade global nas situações, nos propósitos e políticas das mulheres. Como afirmou Bulbeck (1998), havia uma necessidade de reorientar os feminismos ocidentais à luz dessa experiência: de reconhecer a multiplicidade de conhecimentos e agendas políticas.

A pesquisa sobre homens, inspirada no feminismo, não pode ser uma exceção a esse princípio. Mas o que pode ser feito, se as novas análises da masculinidade, ou de práticas de gênero dos homens, surgem em disciplinas tais como sociologia e psicologia, que sem dúvida estão inscritas numa episteme metropolitana? Uma coisa que pode ser feita imediatamente é procurar discussões sobre essa questão, ou sobre questões relacionadas, vindouras de comunidades colonizadas ou de situações pós-coloniais. E não é difícil encontrar essas discussões, quando se está procurando.

Tomemos o exemplo do romance famoso *Things Fall Apart* (O Mundo se Despedaça)\*, de Chinua Achebe. Publicado pela primeira vez em 1958, e agora considerado um grande clássico da literatura pós-colonial, ele conta a história de um homem que se destaca na vida pública de uma vila ao desempenhar perfeitamente todas as demandas de produção, política, religião e relações familiares que definem uma masculinidade honrada. Mas ele também demonstra como essa masculinidade exemplar entrou em crise, e então se mostrou inadequada frente às novas pressões e demandas. Também mostrou os novos poderes introduzidos à situação quando missionários e o governo colonial chegam à região.

Apenas alguns anos antes, do outro lado do Atlântico, o poeta mexicano Octavio Paz havia publicado outro livro que ficaria famoso, o *Laberinto de la Soledad* (Labirinto da Solidão)\*. Um longo ensaio sobre a sociedade e a cultura mexicana, principalmente os limites da revolução mexicana, *Labirinto* contemplou muitas questões e não foi, em nenhum sentido, um estudo técnico sobre gênero. Ele tinha, não obstante, muito a dizer sobre a situação e o caráter de homens e mulheres. A rigidez da divisão de gêneros na cultura urbana, a opressão da mulher e a inflexibilidade da forma dominante de masculinidade estavam entre os temas

de Paz. *Labirinto* desencadeou uma longa discussão sobre o machismo na vida mexicana e na sociedade latino-americana mais amplamente, precedendo a pesquisa de masculinidade discutida posteriormente.

Não esgotamos ainda os anos 1950. Apenas dois anos depois do surgimento da obra-prima de Paz, o primeiro livro de um jovem psiquiatra veterano da guerra da Martinica foi publicado em Paris. Sua publicação passou quase despercebida em 1952, mas com o tempo *Peau noire, masques blancs* (Pele negra, máscaras brancas)\* se tornou ainda mais famoso de que *Labirinto*. Seu autor, Frantz Fanon, se tornou um ícone da revolta do terceiro mundo e seu último livro, *Les Damnés de la Terre* (Os condenados da Terra)\*, tornou-se a análise mais influente já escrita do colonialismo, do neocolonialismo e da luta para acabar com eles.

*Pele negra, máscaras brancas* é uma análise brilhante, amarga e perturbadora do racismo, tanto na França metropolitana quanto no império colonial, ao longo do qual Fanon analisa a psicodinâmica tanto da consciência negra quanto da branca. Quase incidentalmente, o livro também é uma análise das masculinidades brancas e negras, e de suas relações dentro do colonialismo e da cultura racista. As mulheres estão presentes no livro, mas somente em termos de suas relações sexuais com homens negros e brancos ou como objetos de fantasias sexuais. Fanon deixa claro que o colonialismo é um sistema de violência e de exploração econômica; as consequências psicológicas advêm de relações materiais. Dentro dessa estrutura, a masculinidade negra é marcada por emoções divididas, e por uma alienação imensa da experiência original. Essa alienação é produzida na medida em que os homens negros lutam por encontrar uma posição, e reconhecimento, em uma cultura que os define como biologicamente inferiores, de fato como um tipo de animal, e faz deles objetos de ansiedade ou medo.

Trinta anos depois, temas semelhantes foram adotados pelo psicólogo indiano Ashis Nandy em outro livro notável, *The Intimate Enemy: Loss and Recovery of Self under Colonialism* (1983) (Inimigo íntimo: perda e recuperação de si sob o colonialismo). O tema de Nandy é o império inglês e não francês, mas, como Fanon, ele tenta juntar uma análise psicológica com uma análise cultural dentro de uma perspectiva realista do imperialismo. Já discuti consideravelmente a análise de Nandy em *Southern Theory* (Connell, 2007a) (Teorias do Sul), então não vou me prolongar quanto a isso aqui. Contudo, é significativo que Nandy também desenvolva uma análise da dinâmica da masculinidade tanto entre colonizados quanto entre colonizadores; e argumenta que essas dinâmicas estão profundamente conectadas. O colonialismo tende a exagerar as hierarquias de gênero e a produzir masculinidades simplificadas e direcionadas pelo poder entre os colonizadores.

Podemos imediatamente encontrar, então, uma literatura na periferia global, compartilhando os temas da pesquisa da masculinidade desenvolvidos na metrópole global, mas que também tem preocupações distintas – especialmente o processo e os efeitos da colonização, as consequências das hierarquias raciais, e os correlatos culturais e psicológicos da dependência econômica. Existe, no entanto, algum perigo na leitura dessa literatura através da lente da pesquisa contemporânea sobre masculinidade? Pode ser que a mudança epistemológica necessária seja ainda mais profunda.

Quando a pesquisa de gênero foi lançada na África pós-colonial dos anos 1970, havia uma tentativa de localizá-la dentro das perspectivas africanas. A questão surgiu sobre se o próprio conceito de gênero poderia ser aplicado na África. O livro *The Invention of Women* (1997) (A invenção das mulheres), de Oyèwùmí, argumentou que a linguagem da sociedade Oyo-Yorubá pré-colonial não tinha gênero e que não havia

categoria social correspondente à categoria ocidental “mulher”. O princípio organizador principal na sociedade Oyo, ela argumentou, era a senioridade, ou seja, autoridade de acordo com idade, sem relação com o sexo anatômico. As categorias de gênero ocidentais são uma intrusão imposta nas pessoas locais sob o colonialismo, e o feminismo ocidental dá continuidade a esse imperialismo cultural.

Mas outros acadêmicos enxergam modelos de gênero na cultura yorubá pré-colonial. Bakare-Yusuf (2003) cita provérbios Yorubá misóginos e outros indícios culturais de modelos genericados de poder. Oyèwùmí, ela argumenta, interpretou erroneamente a situação ao olhar apenas para as propriedades formais da linguagem, deixando escapar a maneira pela qual a linguagem se inscreve nas práticas sociais, e como a experiência é corporificada. A linguagem da senioridade, por exemplo, pode mascarar a marginalização de muitas mulheres e o abuso da juventude. E a cultura Yorubá tampouco era um sistema fechado – absorveu muitas influências, continha tensões e sempre esteve sujeita a mudanças.

Esse argumento não surgiu (até onde sei) na literatura sobre a masculinidade, mas é muito possível que surja. Podemos aprender com ele, assim como podemos aprender com a teoria desconstrucionista na metrópole, que as categorias de análise de gênero devem sempre ser abertas a interrogação. Ao pular entre continentes, temos de tomar cuidado com a bagagem que carregamos.

Dito isso, também temos de reconhecer que não vivemos em um mundo mosaico, onde as culturas locais são separadas e distintas. Tanto o colonialismo quanto o liberalismo tiveram efeitos corrosivos e reestruturadores poderosos, produzindo novas formas de ordem social e conflito social para além daquelas das sociedades pré-colonização, tanto na metrópole quanto na periferia. Esse é o mundo sobre o qual agora temos de pensar, e, para entendê-lo, vamos precisar de todas as ferramentas das teorias do Sul, do Norte e daquelas que ainda não conhecemos.